

SUSTENTABILIDADE EM CENA? RISCOS E LIMITES DA GESTÃO SUSTENTÁVEL DA CADEIA DE SUPRIMENTOS (GSCS) NO MERCADO DE CASAMENTOS

Alexia Garcia

Universidade da Amazônia - UNAMA

mktalexia10@gmail.com

Cristiane Marialva

Universidade da Amazônia - UNAMA

cris.marialva@hotmail.com

Matheus Oliveira

Universidade da Amazônia - UNAMA

matheusteixeira2025@gmail.com

Resumo: Este ensaio teórico-conceitual propõe uma reflexão crítica sobre os riscos associados à adoção de práticas sustentáveis em cadeias de suprimentos de eventos, com foco no mercado de casamentos. Com base na tipologia de Cappelletti et al. (2020), os riscos são analisados em três dimensões, ambiental, social e operacional, aplicadas aos elos centrais da cadeia: buffets, decoração e casas de festas. Argumenta-se que a sustentabilidade nesse setor exige uma abordagem sistêmica e situada, que considere a interdependência entre riscos e os aspectos simbólicos e performáticos do evento. Destaca-se que a sustentabilidade é frequentemente instrumentalizada como um recurso de legitimação simbólica, ancorada em práticas estéticas ou fragmentadas, com baixo impacto transformador. Conclui-se que a ausência de gestão integrada dos riscos compromete tanto a efetividade socioambiental quanto a legitimidade ética das propostas sustentáveis, que frequentemente operam mais como discurso do que como prática concreta.

Palavras-Chave: Gestão Sustentável, Cadeia de Suprimentos, Casamentos, Risco, Eventos.

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS):

Este estudo contribui com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico), ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis) e ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), ao problematizar práticas simbólicas e estruturas informais que comprometem a sustentabilidade efetiva no setor de eventos.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a sustentabilidade consolidou-se como uma diretriz estratégica nas cadeias de suprimentos globais, impulsionada por pressões regulatórias, sociais e ambientais cada vez mais intensas. Essa transformação reflete uma mudança de paradigma na forma como organizações públicas e privadas concebem suas responsabilidades em relação ao meio ambiente e à sociedade (Carter & Rogers, 2008; Elkington, 1998). Sendo assim, a Gestão Sustentável da Cadeia de Suprimentos (GSCS) emergiu como um campo teórico e prático que busca integrar objetivos econômicos, sociais e ambientais de forma sinérgica ao longo das cadeias produtivas (Seuring & Müller, 2008; Carter & Easton, 2011).

Apesar dos avanços nas discussões acadêmicas e corporativas, a literatura dominante sobre GSCS ainda privilegia cadeias produtivas industriais formais, marcadas por estruturas padronizadas, governança hierarquizada e previsibilidade operacional. Modelos amplamente difundidos, como o triple bottom line e os frameworks de risco-resiliência (Chopra & Sodhi, 2004; Pettit, Fiksel & Croxton, 2010), apresentam limitações significativas quando aplicados a cadeias informais, fragmentadas e simbolicamente orientadas. Tais abordagens tendem a não contemplar plenamente variáveis como emoção, personalização e performatividade, elementos centrais em setores como o de eventos e, particularmente no mercado de casamentos (Batat, 2019; Von Wallpach et al., 2020).

No Brasil, o mercado de casamentos espera movimentar cerca de R\$31,7 bilhões em 2025 (Bússola, 2024), esse mercado emprega uma vasta rede de fornecedores que atuam em diversos elos da cadeia: buffets, decoração, ceremonialistas, músicos, fotógrafos, entre outros. Esse setor se destaca não apenas pela relevância econômica, mas também por seu valor simbólico, cultural e emocional. O casamento é uma prática social carregada de significados, distinção, pertencimento e status, e mobiliza decisões de consumo baseadas tanto em valores estéticos quanto em afetos e performances sociais (Marins, 2016; Sharp, 2023).

Entretanto, apesar de seu protagonismo na economia de eventos, a cadeia de suprimentos dos casamentos é marcada por características que dificultam a adoção de práticas sustentáveis de forma sistêmica: informalidade contratual, ausência de padronização, múltiplas terceirizações, assimetria informacional e baixa articulação entre os elos (Pinho, 2017; Escoura, 2019). Muitos trabalhadores atuam sob regimes precários e invisibilizados, como montadores, cozinheiras, auxiliares e técnicos, sem proteção contratual mínima (Schleper, Gold & Trautrim, 2021). Além disso, a gestão de resíduos e o uso intensivo de energia, flores naturais

e estruturas efêmeras geram impactos ambientais substanciais, frequentemente negligenciados pela lógica estética dominante nos eventos (Jones, 2017; Sustainable Wedding Alliance, 2021). Ainda que práticas tidas como sustentáveis, como o uso de flores desidratadas, iluminação LED ou cardápios orgânicos, estejam se tornando mais comuns no discurso setorial, elas tendem a ser adotadas de maneira isolada e sem articulação estratégica, o que favorece a estética do greenwashing: ações com baixa efetividade ambiental, mas de alta visibilidade simbólica (Delmas & Burbano, 2011; Peattie & Crane, 2005). Essa desconexão entre discurso e prática torna a sustentabilidade uma performance de legitimidade, e não necessariamente uma transformação estrutural da cadeia (Santos et al., 2024).

Do ponto de vista acadêmico, identifica-se um gap teórico relevante: a ausência de estudos que articulem criticamente os riscos ambientais, sociais e operacionais em cadeias de suprimento simbólicas e de forte apelo emocional e informal, como a dos casamentos. A literatura recente avança na categorização dos riscos em GSCS (Cappelletti, Mora & Sacchi, 2020), mas carece de análises que explorem como esses riscos se manifestam em contextos nos quais a performance e a personalização compete com a eficácia logística e a justiça socioambiental.

Diante disso, este ensaio teórico propõe uma reflexão crítica sobre os riscos interdependentes que atravessam a GSCS no setor de casamentos, a partir da aplicação da tipologia de riscos ambientais, sociais e operacionais proposta por Cappelletti et al. (2020). A originalidade da proposta reside em aplicar essa estrutura analítica a uma cadeia performática, informal e fragmentada, buscando compreender os limites dos modelos tradicionais de sustentabilidade quando transferidos para contextos de alto simbolismo e baixa institucionalização. Assim, este estudo tem como os principais objetivos:

- (a) Discutir os limites da aplicação da GSCS ao mercado de casamentos;
- (b) Analisar os principais riscos associados aos elos centrais da cadeia (buffets, decoração e casas de festas) sob uma perspectiva sistêmica e interdependente;
- (c) Propor diretrizes conceituais e implicações gerenciais para uma sustentabilidade que vá além da estética e da legitimação simbólica, integrando práticas efetivas, éticas e colaborativas.

2. METODOLOGIA

Este artigo adota o formato de ensaio teórico-conceitual, com o objetivo de desenvolver uma reflexão crítica sobre os limites e riscos associados à aplicação da Gestão Sustentável da

Cadeia de Suprimentos (GSCS) em contextos de eventos e trabalhos informais, com ênfase no setor de casamentos. Conforme Meneghetti (2011), o ensaio teórico caracteriza-se por uma argumentação reflexiva e interpretativa, articulando conceitos consolidados e novas proposições, com vistas à expansão do arcabouço teórico existente. A construção do ensaio baseou-se em uma revisão conceitual de literatura com abordagem seletiva e não sistemática, centrada na análise crítica de referenciais sobre: (i) Gestão sustentável da cadeia de suprimentos (GSCS); (ii) Tipologias de risco em cadeias logísticas; (iii) Consumo simbólico e performatividade; e (iv) Sustentabilidade estética e greenwashing.

As categorias analíticas de risco propostas por Cappelletti, Mora e Sacchi (2020), ambiental, social e operacional, foram reinterpretadas à luz das especificidades do setor de casamentos. Acrescentou-se, ainda, o risco de reputação, dada sua relevância em cadeias marcadas por alta visibilidade pública e afetividade simbólica. Essas categorias foram aplicadas conceitualmente aos elos centrais da cadeia de casamentos: buffets, decoração e casas de festas. A escolha desses segmentos deve-se à sua centralidade logística, visibilidade performativa e vulnerabilidade socioambiental, conforme demonstrado por estudos etnográficos e empíricos no campo dos eventos (Pinho, 2017; Escoura, 2019; Jones, 2017).

Optou-se por esse recorte setorial em virtude de sua relevância cultural, econômica e emocional, bem como pela escassez de análises sobre sustentabilidade em cadeias com tais características. A análise não envolveu coleta de dados primários, mas baseou-se em evidências secundárias (literatura científica, relatórios setoriais e dados públicos), seguindo uma lógica de análise teórica aplicada, que visa adaptar e expandir modelos analíticos a realidades ainda pouco exploradas.

3 GESTÃO SUSTENTÁVEL DA CADEIA DE SUPRIMENTOS (GSCS)

A Gestão Sustentável da Cadeia de Suprimentos (GSCS) é definida como a integração estratégica e transparente dos objetivos ambientais, sociais e econômicos aos processos organizacionais e intraorganizacionais ao longo de todo o ciclo da cadeia produtiva (Carter & Rogers, 2008). Essa perspectiva parte do princípio de que o desempenho sustentável não se limita à eficiência interna das empresas, exigindo a articulação colaborativa entre todos os elos envolvidos na criação de valor, desde a origem dos insumos até o consumidor final e o pós-consumo.

Conforme destacado por Seuring e Müller (2008), a GSCS envolve decisões que transcendem as fronteiras corporativas e requerem a consideração simultânea de critérios ambientais (como redução de resíduos e emissões), sociais (como trabalho digno e inclusão produtiva) e econômicos (como viabilidade financeira e competitividade). Essa perspectiva está alinhada com o conceito de triple bottom line, proposto por Elkington (1998), segundo o qual o sucesso organizacional deve ser medido pela integração equilibrada entre o lucro, as pessoas e o planeta.

O evento de casamento, enquanto prática social e econômica, constitui-se como uma experiência de consumo baseada em alta personalização, valores simbólicos e intensa mobilização de recursos logísticos, estéticos e afetivos (Pinho, 2017). Sua cadeia de suprimentos é composta, majoritariamente, por pequenos empreendedores, prestadores de serviço autônomos e fornecedores informais, o que dificulta a aplicação dos pressupostos clássicos de governança, rastreabilidade e padronização defendidos pelos modelos convencionais de GSCS (Mishra, 2018; Escoura, 2019).

Adicionalmente, muitas das decisões logísticas nesse setor são tomadas com base em critérios emocionais, como a criação de experiências memoráveis, o desejo por exclusividade e a expectativa de distinção social, fatores que frequentemente entram em conflito com racionalidades orientadas pela sustentabilidade (Sharp, 2023; Batat, 2019). Isso reforça a necessidade de adaptar o conceito de GSCS a realidades que não se enquadram nos modelos industriais tradicionais, exigindo uma abordagem que incorpore dimensões como performatividade, estética da sustentabilidade e ética relacional. A sustentabilidade, nesse contexto, adquire contornos performativos, isto é, assume o papel de uma representação legitimadora, que visa mais à construção de uma imagem pública do que à transformação efetiva da prática (Butler, 1990; Callon, 2007).

A estética da sustentabilidade manifesta-se por meio de elementos visuais e sensoriais, como iluminação “ecológica”, uso de materiais recicláveis ou decoração naturalizada, que geram atmosferas ambientalmente simbólicas, mas muitas vezes desvinculadas de ações concretas (Strati, 1999; Böhme, 2017). Por sua vez, a ética relacional sugere que a sustentabilidade deve ser pensada como prática interdependente e situada, baseada em confiança, cuidado e corresponsabilidade entre os diversos elos da cadeia (Tronto, 1993; Held, 2006). Incorporar essas dimensões é essencial para compreender os limites da GSCS em cadeias informais e simbólicas, como a do mercado de casamentos.

Nesse cenário, a adoção de práticas sustentáveis no mercado de casamentos tende a ocorrer de forma pontual, fragmentada e simbólica. Isso resulta em efeitos limitados ou até contraproducentes, como a prevalência do greenwashing, práticas com baixo impacto ambiental efetivo, mas alto apelo visual e legitimador (Delmas & Burbano, 2011). A ausência de mecanismos sistêmicos de coordenação dificulta a formação de uma governança colaborativa entre os atores da cadeia. A estética da sustentabilidade, nesse contexto, opera como um recurso simbólico potente: o uso de folhagens secas, paletas terrosas ou objetos reaproveitados cria atmosferas sensoriais que sinalizam engajamento ambiental, embora não necessariamente reflitam transformações estruturais. Tal como argumentam Strati (1999) e Böhme (2017), elementos estéticos nas organizações comunicam valores e emoções, moldando a percepção do público. No mercado de casamentos, essa dimensão performática contribui para a legitimação simbólica do evento, mas frequentemente se dissocia de impactos socioambientais concretos.

Portanto, pensar a GSCS no contexto do mercado de casamentos requer a ampliação de seus fundamentos conceituais, reconhecendo que a sustentabilidade não pode ser compreendida apenas como um conjunto de boas práticas ambientais, mas como uma estratégia interdependente, que articula riscos logísticos e impactos socioambientais. Isso implica considerar a construção de confiança entre os atores, a negociação contínua de valores e a incorporação de métricas adaptadas à realidade fragmentada e emocionalmente carregada que caracteriza esse setor. Para além das métricas ambientais e econômicas, a sustentabilidade neste setor requer a incorporação de uma ética relacional, isto é, baseada em confiança, cuidado e responsabilidade mútua entre os atores da cadeia (Tronto, 1993; Held, 2006).

4 TIPOLOGIA DE RISCOS NA GESTÃO SUSTENTAVEL DA CADEIA DE SUPRIMENTOS

Pensar em sustentabilidade sem considerar os riscos que a atravessam é incorrer na crença de que boas intenções bastam para mitigar os efeitos colaterais das operações econômicas. Na prática, o risco é um elemento constitutivo de qualquer cadeia de suprimentos e, nos casos em que essa cadeia está a serviço de experiências simbólicas, como os casamentos, ele adquire contornos ainda mais delicados. A seguir, são explorados os três tipos de riscos propostos por Cappelletti et al. (2020), além do risco de reputação, que perpassa as três esferas, aplicando essa tipologia ao universo dos eventos matrimoniais.

4.1 RISCO AMBIENTAL: ENTRE O INVISIVEL E O INEVITAVEL

O risco ambiental, no contexto da GSCS, refere-se aos impactos negativos gerados pelas atividades logísticas, operacionais e de consumo sobre os ecossistemas, como o uso intensivo de recursos naturais, a emissão de gases de efeito estufa, o consumo energético elevado e a produção excessiva de resíduos sólidos (Seuring & Müller, 2008). No mercado de casamentos, embora haja crescente valorização de soluções ditas sustentáveis, muitas iniciativas são adotadas de forma fragmentada, sem articulação sistêmica entre os elos da cadeia.

Em muitos casos, a sustentabilidade é mobilizada como estética, visível em elementos como copos reutilizáveis, embalagens recicladas e decoração. Esse fenômeno pode ser interpretado a luz do greenwashing, definido como a prática de divulgar ações ambientalmente responsáveis que, na realidade, têm impacto reduzido ou simbólico, apenas para obter vantagem reputacional (Delmas & Burbano, 2011). Em eventos marcados por autenticidade e emoção, como os casamentos, a linguagem visual da “consciência ecológica” tende a funcionar mais como ornamento do que como prática operacionalmente sustentável.

Além das práticas pontuais, é importante considerar externalidades indiretas invisibilizadas nas estratégias sustentáveis adotadas. Um exemplo recorrente é o uso de flores artificiais em substituição às naturais, embora essa substituição seja frequentemente promovida como uma solução “eco-friendly”, ela ignora os impactos associados à produção petroquímica do plástico, ao transporte internacional (em contêineres refrigerados ou de longa distância), e à dificuldade de descarte ou reciclagem posterior. Como observa Jones (2017), a gestão sustentável de eventos requer uma análise de ciclo de vida dos materiais utilizados, incluindo transporte, armazenamento, durabilidade e impacto pós-consumo sob risco de transferir o problema ambiental para fora do campo de visão do consumidor final.

Outros exemplos envolvem a instalação de estruturas cenográficas robustas, climatização intensa em casas de festas, iluminação decorativa de alta potência e deslocamento individualizado de convidados em veículos particulares. Mesmo práticas consideradas positivas, como a escolha de locais ao ar livre ou uso de bioproductos, podem gerar efeitos colaterais se não forem integradas a uma estratégia de mitigação de impactos em toda a cadeia, estudos recentes mostram a escala desses impactos. De acordo com a Sustainable Wedding Alliance (2021), um casamento típico com 100 convidados pode gerar em torno de 180 a 250 kg de resíduos sólidos e emitir entre 14 a 61 toneladas de CO₂, dependendo do porte, localização e formato do evento. Esses números são agravados quando há deslocamentos aéreos de

convidados, uso de geradores e desperdício alimentar, tornando o casamento um evento altamente intensivo em carbono, apesar da sua curta duração.

Portanto, o risco ambiental no setor de casamentos não decorre apenas da ausência de práticas sustentáveis, mas da adoção superficial de ações que criam uma legitimidade desconectada da redução efetiva de impactos. A desconexão entre estética “verde” e sustentabilidade operacional compromete tanto a eficácia ambiental quanto a confiabilidade.

4.2 RISCO SOCIAL: OS BASTIDORES INVISIVEIS

Se o evento de casamento do ponto de vista simbólico, é um espetáculo social cuidadosamente roteirizado, do ponto de vista logístico ele depende de uma engrenagem humana muitas vezes invisibilizada. O risco social, nesse contexto, está diretamente ligado às condições de trabalho de quem torna a festa possível: montadores de estrutura, cozinheiras, faxineiras, seguranças, técnicos de luz e som, motoristas e tantos outros profissionais que, em sua maioria, operam sob contratos frágeis, diárias informais ou sem qualquer vínculo empregatício formal. A perfeição do evento depende de uma força de trabalho temporária, sob alta pressão, com poucas garantias legais e quase nenhum reconhecimento público. Como observa Escoura (2019), há marcadores sociais, de classe e gênero, associados à forma como esses trabalhadores são posicionados nos bastidores da festa: enquanto os noivos ocupam o centro do rito, há uma rede de suporte que permanece silenciosa e vulnerável.

Esse risco social, no entanto, não se limita à precariedade das relações laborais, ele se estende às decisões estratégicas de consumo e contratação que estruturam a cadeia. A escolha por fornecedores locais, cooperativas ou redes solidárias pode funcionar como mecanismo de inclusão econômica. Por outro lado, a terceirização excessiva, sem critérios de governança, tende a ampliar a informalidade, dificultar o rastreamento de práticas éticas e enfraquecer os laços de responsabilidade social entre os elos da cadeia. De acordo com Brockhaus, Kersten e Knemeyer (2013), a terceirização de múltiplos níveis especialmente em cadeias fragmentadas, intensifica os riscos sociais, pois desloca a responsabilidade para atores periféricos com menor capacidade de gestão e supervisão.

Essa lógica é agravada pela chamada “dupla agência” exercida pelos fornecedores de primeiro nível, que muitas vezes repassam encargos a subcontratados informais, fragilizando ainda mais os compromissos com padrões trabalhistas e dificultando a rastreabilidade das condições de trabalho ao longo da cadeia (Wilhelm et al., 2016). Em cadeias informais e

emocionalmente orientadas como as do setor de casamentos, esse repasse de responsabilidades ocorre sem mecanismos claros de controle, tornando o risco social estrutural e persistente.

O deslocamento de responsabilidade é particularmente problemático em cadeias simbólicas e personalizadas, onde a demanda por serviços rápidos, acessíveis e ajustáveis frequentemente supera os critérios de contratação responsável. A informalidade, aqui, não é exceção, mas uma engrenagem funcional e, em certa medida, por meio da naturalização de práticas precárias, associadas à lógica de flexibilidade e entrega rápida. Como indicam Schleper, Gold e Trautrim (2021), os riscos sociais muitas vezes permanecem ocultos ou são sistematicamente ignorados em nome da flexibilidade, da redução de custos e da entrega pontual, especialmente em setores que operam sob forte pressão temporal.

No caso específico do mercado de casamentos, o risco social é ainda mais camuflado por uma estética de celebração, harmonia e abundância. Há uma discrepância significativa entre o que é visto no palco do evento e o que ocorre nos bastidores. Essa cisão evidencia não apenas a desigualdade entre os diferentes agentes da cadeia, mas a fragilidade dos compromissos éticos quando se trata de eventos únicos e irrepetíveis, cuja prioridade máxima é evitar falhas perceptíveis à clientela.

Ignorar o risco social, portanto, não significa apenas falhar em proteger trabalhadores, significa também comprometer a sustentabilidade da cadeia como um todo, baseando a celebração em estruturas frágeis, informais e eticamente questionáveis. A sustentabilidade, neste caso, exige mais do que materiais recicláveis ou alimentos orgânicos, exige o reconhecimento do valor humano que sustenta a experiência do evento.

4.3 RISCOS OPERACIONAL: QUANDO O IMPREVISTO NÃO É EXCEÇÃO

O casamento é, por definição, um evento único e não há segunda chance, nem espaço para grandes ajustes no curso da cerimônia o que torna o risco operacional central na análise da sustentabilidade da cadeia de suprimentos nesse setor. Em contraste com cadeias repetitivas e padronizadas, a cadeia de casamentos é efêmera, personalizada e amplamente informal, aumentando drasticamente a probabilidade de falhas sistêmicas (Jones, 2017; Kapucu, 2009).

Esse risco se manifesta em várias formas: atrasos na montagem, falhas no cronograma, falhas na comunicação entre fornecedores, panes técnicas, ausência de planos de contingência, entre outros. Em cadeias fragmentadas sem integração, essas ocorrências tendem a se propagar em cascata, de forma não-linear (Tang, 2006; Pettit, Fiksel & Croxton, 2010). Por exemplo, um

atraso de 40 minutos na entrega das flores pode comprometer a montagem da mesa principal, atrasar a entrada de convidados e alterar toda a iluminação previamente alinhada ao horário do pôr-do-sol.

Relatos anedóticos como falha de gerador, necessidade de improviso durante a troca de roupa da noiva ou ausência de gelo, ilustram bem a ausência de resiliência operacional: a capacidade de absorção, adaptação e manutenção da performance prometida (Pettit et al., 2010). Em eventos, isso requer que equipes disponham de treinamentos de contingência, tomada de decisão autônoma e comunicação direta, o que é raríssimo em cadeias informais (Jones, 2017; Getz & Page, 2016).

A falta de governança colaborativa e instrumentos contratuais adequados faz com que os elos menos estruturados sejam responsabilizados por falhas sistêmicas, evidenciando assimetrias de poder e ausência de responsabilização coletiva (Gereffi, Humphrey & Sturgeon, 2005). Tal cenário favorece a responsabilização do “culpado visível”, mesmo quando o problema tem origem em falhas sistêmicas.

Para mitigar esses riscos, a resiliência da cadeia de suprimentos pode ser desenvolvida por meio de estratégias comprovadas em outros setores, como introdução de redundâncias (ex: fornecedores-alternativos prontos), diversificação, visibilidade em tempo real, treinamento de staff e rotinas colaborativas de simulação de crises (Pettit et al., 2010; Wieland & Durach, 2021). Exemplos aplicáveis ao setor de eventos podem incluir: checklist de contingência padronizado entre buffets, decoradores e cerimonialistas; estrutura descentralizada de decisão; comunicação digital integrada com antecedência; e protocolos de backup para energia, alimentação e transporte.

Em suma, o risco operacional em casamentos é parte integrante e estrutural da cadeia, não uma exceção. A sustentabilidade operacional só será alcançada se houver governança efetiva, planejamento colaborativo e capacidade de improvisação sob pressão, o que exige tanto estratégia quanto inteligência emocional e colaboração entre atores diversos.

4.4 RISCO DE REPUTAÇÃO: A FRAGILIDADE DA IMAGEM EM EVENTOS MATRIMONIAIS

A espetacularização dos casamentos, discutida por Marins (2016), enfatiza como este tipo de evento torna-se experiência de luxo, exigindo coordenação meticolosa entre múltiplos fornecedores e serviços. Sob o entendimento que esta delicada engrenagem depende de fatores

internos e externos para dispor de uma reputação positiva junto ao seu público-alvo, convém mencionar o risco de imagem como um ativo fundamental para um mercado pautado em visibilidade como o de matrimônios.

A imagem de uma empresa pode ser construída ou destruída com base em uma única experiência, dada a natureza pública e emocional dos eventos matrimoniais (Sharp, 2023), cuja preservação é essencial para a sustentabilidade, competitividade e permanência do negócio no mercado. O risco de reputação está ligado não apenas à execução técnica do evento, mas também à percepção dos participantes sobre a adequação, qualidade e ética das práticas empregadas.

Trata-se de um tipo de consumo cujo simbolismo carrega expectativas elevadas, pautadas pelo desejo de uma experiência perfeita e memorável. Quando a realidade do evento não corresponde a essas expectativas, seja por falhas operacionais, imprevistos climáticos ou limitações de fornecedores, a percepção negativa pode afetar gravemente a reputação da empresa, ainda que os fatores estejam fora de seu controle direto. A gestão eficaz desse risco exige comunicação transparente, monitoramento constante das percepções dos clientes, construção e manutenção de uma imagem positiva, pautada em práticas éticas, transparência e capacidade de resposta ágil diante de crises; sob pena de comprometer a credibilidade construída ao longo dos anos, uma vez que eventos mal-sucedidos podem gerar impactos negativos amplificados por meio das redes sociais e outras plataformas digitais (Coombs, 2007; Carroll, 2011).

5 DISCUSSÃO

A análise teórica baseada na tipologia de riscos de Cappelletti et al. (2020) evidencia que no mercado de casamentos, a sustentabilidade se manifesta de modo fragmentado e predominantemente simbólico. As iniciativas consideradas sustentáveis nos elos centrais da cadeia (buffets, decoração e casas de festas) tendem a apresentar caráter pontual, com soluções de alta visibilidade simbólica, como o uso de materiais recicláveis, flores desidratadas e iluminação LED, mas geralmente desvinculadas de uma gestão sistêmica dos impactos ambientais. Observa-se, assim, a prevalência de práticas estéticas e de greenwashing, com baixa efetividade na mitigação real dos danos ambientais.

No plano social, predomina a informalidade estrutural, a terceirização sucessiva e a fragilidade dos vínculos de trabalho, que tornam invisível a força de trabalho responsável pela

realização dos eventos e dificultam a implementação de práticas éticas e socialmente responsáveis. De modo similar, a cadeia revela elevada vulnerabilidade a falhas logísticas, atrasos e improvisos, reflexo de sua natureza personalizada, fragmentada e efêmera, com pouca integração colaborativa entre fornecedores.

O setor, por sua vez, demonstra sensibilidade extrema ao risco reputacional, dado seu caráter público e emocional, sendo a imagem dos fornecedores impactada não apenas por falhas operacionais, mas também por percepções de inconsistência ética ou ambiental, especialmente em um contexto de exposição crescente nas mídias digitais. Esses riscos ambientais, sociais, operacionais e reputacionais se manifestam de forma interdependente, reforçando-se mutuamente em um ciclo que dificulta a consolidação de práticas efetivamente sustentáveis. Predomina, portanto, uma sustentabilidade de caráter performático, voltada mais à legitimação estética do que à transformação sistêmica da cadeia.

Esses achados evidenciam que o mercado de casamentos opera sob um regime de sustentabilidade predominantemente encenada, em que práticas de greenwashing e ações estéticas são mobilizadas como estratégias de legitimação social e mercadológica. A desconexão entre discurso e prática revela limitações importantes dos modelos clássicos de Gestão Sustentável da Cadeia de Suprimentos (GSCS), tradicionalmente voltados a cadeias industriais formais e padronizadas, quando aplicados a setores informais, emocionais e fragmentados.

A informalidade contratual e a ausência de mecanismos colaborativos de governança não apenas fragilizam a resiliência operacional, mas também perpetuam precariedades sociais nos bastidores dos eventos. Iniciativas sustentáveis tratadas apenas como performances visuais ou argumentos comerciais pouco contribuem para a redução efetiva de impactos socioambientais e ainda podem camuflar desigualdades estruturais ao longo da cadeia.

Nesse contexto, a sustentabilidade não pode ser compreendida apenas como uma escolha organizacional, técnica ou normativa. Trata-se de um fenômeno sociocultural relacional, no qual decisões ambientais e sociais são atravessadas por afetos, distinções simbólicas e valores estéticos que orientam tanto consumidores quanto fornecedores. Como sugerem McCracken (1988) e Holt (1995), o casamento contemporâneo é um espaço de performance pública e expressão identitária, no qual as escolhas de consumo adquirem significados sociais amplos. A lógica da distinção simbólica intensifica a pressão por resultados estéticos perfeitos, legitimando decisões ambiental e socialmente frágeis.

Nessa perspectiva, o greenwashing não deve ser visto apenas como estratégia oportunista de fornecedores, mas como expressão de um sistema de valores que privilegia aparências sustentáveis e experiências sensoriais idealizadas. Este cenário reforça a necessidade de revisar o conceito de GSCS, indo além das métricas clássicas de impacto e incorporando dimensões como ética relacional, performatividade e resiliência adaptativa.

Assim, torna-se urgente adaptar o modelo de GSCS às especificidades de cadeias simbólicas e informais como a dos casamentos, reconhecendo que a sustentabilidade neste setor depende menos de padrões técnicos e mais da negociação contínua entre valores simbólicos, práticas colaborativas e responsabilidade interorganizacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teórico propôs uma reflexão crítica sobre os limites e desafios da aplicação da Gestão Sustentável da Cadeia de Suprimentos (GSCS) ao mercado de casamentos, um setor marcado por dinâmicas simbólicas, emocionais e operacionais muito distintas daquelas contempladas pelas abordagens tradicionais. A partir da revisão conceitual e da mobilização de categorias como risco ambiental, risco social e risco operacional, discutiu-se como a informalidade, a fragmentação e o caráter performático dessa cadeia tensionam os modelos clássicos de sustentabilidade logística.

Destacou-se que a cadeia de casamentos opera sob lógicas simbólicas altamente influenciadas por valores estéticos, emocionais e culturais, os quais frequentemente encobrem práticas insustentáveis ou pouco éticas. Nesse contexto, práticas de greenwashing e trabalho emocional invisibilizado dificultam o avanço de modelos realmente sustentáveis. Argumentou-se que a sustentabilidade no setor só poderá ser efetiva se incorporar dimensões intangíveis, como a legitimidade simbólica e a ética relacional, ao lado de métricas ambientais e econômicas.

Do ponto de vista teórico, o ensaio contribui ao sugerir que a aplicação da GSCS em cadeias simbólicas requer o deslocamento de categorias analíticas clássicas. Ao propor a aplicação de uma tipologia de riscos tradicionalmente voltada a cadeias industriais ao contexto simbólico e informal dos casamentos, este ensaio oferece uma leitura crítica que amplia os horizontes conceituais da GSCS. A análise integra conceitos como dupla agência do trabalho, assimetria de poder e resiliência logística adaptativa, com base em autores de diferentes campos (Hochschild, 1983; Gereffi et al., 2005; Pettit et al., 2010).

Do ponto de vista prático, os achados sugerem a urgência de desenvolver instrumentos de governança colaborativa, cláusulas contratuais equitativas e protocolos compartilhados de gestão de risco, mesmo em cadeias altamente personalizadas. Isso implica repensar os papéis dos elos mais informais, promovendo mecanismos de responsabilidade compartilhada entre fornecedores e consumidores.

Como limitação, reconhece-se que o ensaio não se baseia em evidência empírica direta, o que restringe a generalização de suas proposições. Futuras investigações podem explorar metodologias qualitativas, como estudos de caso, etnografias organizacionais ou entrevistas em profundidade com fornecedores e clientes do setor, a fim de validar e expandir as categorias aqui mobilizadas.

Por fim, espera-se que esta reflexão contribua para o avanço de uma agenda de pesquisa interdisciplinar, capaz de integrar sustentabilidade, consumo simbólico e justiça socioambiental. Em tempos de crescente estetização das práticas sustentáveis, surge revisitar os fundamentos éticos e relacionais da cadeia de suprimentos, inclusive nos espaços mais celebrativos e efêmeros da economia.

REFERÊNCIAS

- Batat, W. (2019). *The new luxury experience*. Springer.
- Bille, A., & Hendriksen, C. (2023). Let us get contextual: Critical realist case studies in supply chain management. *Supply Chain Management: An International Journal*, 28(4), 724–737.
- Brockhaus, S., Kersten, W., & Knemeyer, A. M. (2013). Where do we go from here? Progressing sustainability implementation efforts across supply chains. *Journal of Business Logistics*, 34(2), 167–182.
- Bússola. (2024, 11 de outubro). Setor de casamentos deve movimentar R\$ 32 bilhões em 2025. Exame. <https://exame.com/bussola/setor-de-casamentos-deve-movimentar-r-32-bilhoes-em-2025/>
- Callon, M. (2007). What does it mean to say that economics is performative? In D. MacKenzie, F. Muniesa, & L. Siu (Eds.), *Do economists make markets? On the performativity of economics* (pp. 311–357). Princeton University Press.
- Cappelletti, A., Mora, C., & Sacchi, R. (2020). Risk analysis of the agri-food supply chain: A multimethod approach. *British Food Journal*, 122(11), 3505–3521.
- Carter, C. R., & Easton, P. L. (2011). Sustainable supply chain management: Evolution and future directions. *International Journal of Physical Distribution & Logistics Management*, 41(1), 46–62.
- Carter, C. R., & Rogers, D. S. (2008). A framework of sustainable supply chain management: Moving toward new theory. *International Journal of Physical Distribution & Logistics Management*, 38(5), 360–387.
- Chopra, S., & Sodhi, M. S. (2004). Managing risk to avoid supply-chain breakdown. *MIT Sloan Management Review*, 46(1), 53–61.

Christopher, M., & Peck, H. (2004). Building the resilient supply chain. *International Journal of Logistics Management*, 15(2), 1–14.

Elkington, J. (1998). Cannibals with forks: The triple bottom line of 21st century business. New Society Publishers.

Escoura, M. (2019). Formal attire from one side of the “bridge” to the other: The wedding market and class and gender relations inscribed in the territory of the city. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 14(3), e143238.

Gereffi, G., Humphrey, J., & Sturgeon, T. (2005). The governance of global value chains. *Review of International Political Economy*, 12(1), 78–104.

Getz, D., & Page, S. J. (2016). Event studies: Theory, research and policy for planned events (3^a ed.). Routledge.

Jones, M. (2017). Sustainable event management: A practical guide (3^a ed.). Routledge.

Kapferer, J.-N., & Bastien, V. (2017). The luxury strategy: Break the rules of marketing to build luxury brands. Kogan Page.

Kapucu, N. (2009). Collaborative emergency management: Better community organising, better public preparedness and response. *Disasters*, 33(2), 239–262.

Marins, F. (2016). A espetacularização da cerimônia: Rituais de casamento e o consumo de experiências de luxo. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, 13(36), 141–158.

Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 320–332.

Mishra, N. (2018). Green supply chain performance measures: A review and bibliometric analysis. *Benchmarking: An International Journal*, 25(8), 3190–3218.

Parkins, I. (2023). Feminist sentimentalism? Ambivalent feeling in inclusive digital wedding media. *Cultural Studies*, 37(4), 647–668.

Peattie, K., & Crane, A. (2005). Green marketing: Legend, myth, farce or prophesy? *Qualitative Market Research: An International Journal*, 8(4), 357–370.

Pettit, T. J., Fiksel, J., & Croxton, K. L. (2010). Ensuring supply chain resilience: Development of a conceptual framework. *Journal of Business Logistics*, 31(1), 1–21.

Pinho, É. B. M. (2017). Um sonho não tem preço: Uma etnografia do mercado de casamentos no Brasil (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Santos, C., Coelho, A., & Cancela, B. L. (2024). The impact of greenwashing on sustainability through green supply chain integration: the moderating role of information sharing. *Environment, Development and Sustainability*, 1–28.

Schleper, M. C., Gold, S., & Trautrimas, A. (2021). Sustainability in supply chains: A review of emerging research themes. *International Journal of Operations & Production Management*, 41(4), 315–341.

Seuring, S., & Müller, M. (2008). From a literature review to a conceptual framework for sustainable supply chain management. *Journal of Cleaner Production*, 16(15), 1699–1710.

Sharp, E. A. (2023). Modern bridal femininity: Navigating niceness as a Princess Bride and a Bridezilla in the United States. *Feminism & Psychology*, 33(4), 589–603.

Short, S. W., Tappura, S., Kärrí, T., & Tapio, P. (2021). Sustainability trade-offs in the supply chain: A multi-tier framework. *Journal of Cleaner Production*, 314, 128038.

Sustainable Wedding Alliance. (2021). Sustainable weddings: Research report 2021.
<https://sustainableweddingalliance.com>

Tang, C. S. (2006). Perspectives in supply chain risk management. International Journal of Production Economics, 103(2), 451–488.

Von Wallpach, S., Hemetsberger, A., Thomsen, T. U., & Belk, R. (2020). Moments of luxury: Hedonic and meaningful consumption experiences. Journal of Business Research, 116, 491–501.

Wieland, A., & Durach, C. F. (2021). Two perspectives on supply chain resilience. Journal of Business Logistics.

Wilhelm, M. M., Blome, C., Bhakoo, V., & Paulraj, A. (2016). Sustainability in multi-tier supply chains: Understanding the double agency role of first-tier suppliers in sustainability initiatives. Journal of Operations Management, 41, 42–60.